

FORMA E REVELAÇÃO

Marcelo Calero

Talvez nenhuma outra obra no Brasil contemporâneo tensione com tanta intensidade os extremos da experiência humana: o delírio e a lucidez, a exclusão e o reconhecimento, o território e a transcendência. A criação de Arthur Bispo do Rosario não se submete a categorias. Antes de tudo, arte, evidente. Mas, também, testemunho, invenção, identidade, documento e Revelação.

Em um país moldado por ciclos de apagamento, a figura de Bispo do Rosario emerge como contra-narrativa: sua existência, e tudo o que produziu, oferece chave para compreendermos a nossa espiritualidade como experiência compartilhada – tecido poroso de memórias, afetos, rejeições, ausências e resistências.

Sua obra, profundamente brasileira, feita com o que sobra e com o que persiste, com os restos do mundo e do tempo, floresce no território da reclusão, no interior de uma instituição psiquiátrica, onde a solidão se fez linguagem e o silêncio, matéria criativa. Suas linhas, seus fragmentos e gestos constroem, da estética da escassez, abundância simbólica. E é aí que reside sua potência: naquilo que não se explica, mas se revela.

Seu nome carrega paradoxo e destino: “Bispo”, título eclesiástico; “do Rosario”, referência sagrada dos oprimidos. Um homem negro, pobre, silenciado, que se autoproclama mensageiro de um juízo universal. É essa travessia entre fé e instituição, entre invisibilidade e anúncio, que confere à sua obra poder que reverbera. Porque toca, sem mediações, nas cicatrizes que o país ainda carrega: o trauma manicomial, o racismo estrutural, o apagamento das subjetividades dissidentes.

Os bordados, estandartes e objetos construídos com o que havia ao redor – linhas de fardas desfeitas, pedaços de madeira, arames, cacos e sobras – não pertencem a nenhuma escola. Eles criam neo-cosmologia, em que êxtase se torna método e o gesto, liturgia. Cartografia íntima e coletiva de um Brasil reorganizado a partir das margens, onde o invisível ganha forma e identidade.

Quando essas obras cruzam fronteiras, não levam apenas o artista e sua cosmovisão: levam um país inteiro, aquele que raramente ocupa os centros de representação. Um Brasil que pulsa entre o encantamento e o trauma, entre o ritual e a

invenção. Um país que se exprime pela cor, pelo toque e pelo silêncio das celas – e que, mesmo ali, insiste em ser. Sua arte fala, com a intensidade das revelações silenciosas, de quem fomos, de quem ainda somos e do que podemos vir a ser.